

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**JACKSON LEAL PADILHA**

**ALGUMAS BARREIRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA**

**Bagé  
2023**

**JACKSON PADILHA**

**ALGUMAS BARREIRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Dra. Kátia Vieira Morais

**Bagé  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P123a Padilha, Jsckson Leal  
ALGUMAS BARREIRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA / Jsckson Leal Padilha.  
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL  
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2023.  
"Orientação: Katia Vieira Moraes".

1. Barreiras na aprendizagem do Ingles. I. Título.

**JACKSON LEAL PADILHA**

**ALGUMAS BARREIRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, do Campus Bagé, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

TCC defendido e aprovado em: treze de dezembro de dois mil e vinte três.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Kátia Vieira Morais  
Orientadora  
UNIPAMPA

---

Profa. Dra. Denise Von Der Heyde Lamberts  
UNIPAMPA

---

Profa. Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles  
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **KATIA VIEIRA MORAIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 16:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLARA ZENI CAMARGO DORNELLES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DENISE VON DER HEYDE LAMBERTS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2023, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1315699** e o código CRC **42A47509**.

Dedico este trabalho a Isabel Cristina, minha mãe que não mediu esforços para fazer com que este sonho fosse realizado e é a minha maior incentivadora para a realização dos meus sonhos.

## RESUMO

No presente estudo, sobre os desafios de ensino-aprendizagem de inglês em uma escola pública da cidade de Bagé - Rio Grande do Sul, meu objetivo geral foi refletir sobre algumas barreiras que os alunos apresentam em aprender inglês. Além disso, busquei investigar alguns fatores, ou barreiras culturais, psicológicas, socioeconômicas e linguísticas, que levam os alunos da escola estadual a não se engajarem com a língua inglesa através da proposição da escrita de diários reflexivos sobre o aprendizado de inglês e de atividades voltadas às artes para que os alunos se expressem com outras formas de linguagem. O trabalho foi realizado no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP)- Núcleo de Língua Inglesa do Campus Bagé, da Universidade Federal do Pampa. Utilizo teóricos que discutem os desafios do ensino de inglês e propõem abordagens de ensino para que os alunos se engajem nas atividades das aulas de inglês (DAVID, 2017; HINOJOSA; LIMA, 2008; LIMA, 2011; MORAN, 2015; OLIVEIRA, 2015). A metodologia utilizada foi uma pesquisa-ação nas salas de aula em que atuei como residente do PRP através da análise e discussão dos instrumentos de pesquisa que foram os diários reflexivos interativos, atividades artísticas e entrevistas individuais com os participantes. Apontei as seguintes barreiras: crenças - elitização do inglês e idade ideal de aprendizado; políticas educacionais - não exigência de frequência em sala de aula; pouca carga horária; introdução da disciplina do inglês tardiamente; pessoais - não identificação com a língua ocasionando o afastamento do interesse e psicológica (relacionamentos pessoais). Quando nos deparamos com a atual situação do ensino de Inglês nas escolas, identificamos a desvalorização do inglês nas escolas e a necessidade de melhorar políticas públicas para que as línguas adicionais nas escolas sejam mantidas.

Palavras-Chave: barreiras; inglês; ensino-aprendizagem; escola pública

## ABSTRACT

In this study on the challenges of teaching and learning English in a state school in the city of Bagé - Rio Grande do Sul, my overall aim was to reflect on some of the barriers that students face in learning English. In addition, I sought to investigate some of the factors, or cultural, psychological, socio-economic and linguistic barriers, that lead students at the state school not to engage with the English language by proposing the writing of reflective diaries about learning English and activities focused on the arts so that students can express themselves with other forms of language. The work was carried out as part of the Pedagogical Residency Program (PRP) - English Language Center at the Bagé Campus of the Federal University of Pampa. I use theorists who discuss the challenges of teaching English and propose teaching approaches for students to engage in English class activities (DAVID, 2017; HINOJOSA; LIMA, 2008; LIMA, 2011; MORAN, 2015; OLIVEIRA, 2015). The methodology used was action research in the classrooms where I worked as a PRP resident, through analysis and discussion of the research instruments, which were interactive reflective diaries, artistic activities and individual interviews with the participants. I pointed out the following barriers: beliefs - the elitist nature of English and the ideal age for learning; educational policies - not requiring attendance in the classroom; short workload; late introduction of the subject of English; personal - not identifying with the language, causing people to lose interest; and psychological (personal relationships). When we look at the current situation of English teaching in schools, we identify the devaluation of English in schools and the need to improve public policies so that additional languages in schools are maintained.

Keywords: barriers; English; teaching-learning; public school

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quatro fases da pesquisa-ação .....	25
Figura 2 - Metaphors by Sylvia Plath .....	31
Figura 3 – Poem .....	33
Figura 4 – Happy longing .....	33
Figura 5 –Sad and Love .....	34
Figura 6 - Fear .....	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 - Inglês na cultura brasileira e a globalização.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Abordagens para o ensino de inglês.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Logística da sala de aula.....</b>	<b>19</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>27</b>
<b>4.1 Journals.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2 <i>ArtWork</i>.....</b>	<b>30</b>
<b>4.3 Entrevistas com as alunas.....</b>	<b>35</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No momento em que vamos aprender uma nova língua, uma língua adicional, podemos encontrar alguns obstáculos que dificultam essa aprendizagem. Conforme o tempo vai avançando, precisamos achar o que está dificultando a aquisição da nova língua. Podemos pensar em fatores culturais, psicológicos, socioeconômicos e também linguísticos, de como a língua adicional nos atravessa durante toda a vida e como isso nos afeta no momento de enfrentar esse desafio que é aprender essa língua adicional. Entender quais são essas barreiras que existem, que distanciam alunos da língua pretendida é um desafio diário para professores de escolas públicas. Toda aula parece ser uma retomada; toda aula parece ser um recomeço. Alguns fatores recorrentes como a pouca carga horária alocada para língua adicional e a desvalorização do inglês na escola e na sala de aula podem afastar o aluno do professor.

Faço parte como residente do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal do Pampa, no subprojeto Língua Inglesa (2022-2023), subsidiado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) do Ministério da Educação. O PRP tem o objetivo de integrar as instituições de Ensino Superior com as escolas públicas de Educação Básica proporcionando experiências em sala de aula, isto é, colocando alunos dos cursos de licenciaturas como bolsistas residentes, professores em treinamento ao observarem e ministrarem aulas com o acompanhamento do professor preceptor, professor regente de turma. Dentro de salas de aulas específicas, os residentes desenvolvem seus projetos de ensino. Com essas experiências em sala de aula que o programa proporciona, depois da graduação, os residentes deveriam chegar mais conhecedores do contexto da escola pública e, portanto, mais aparelhados pedagogicamente para suas futuras escolas, levando um prévio conhecimento do que poderão encontrar em seus caminhos docentes.

Neste programa, eu fui direcionado a uma escola de Ensino Médio da rede estadual de ensino na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. É nesse momento, como residente, que identifiquei alguns conflitos que surgem quando o assunto é ensinar e aprender outra língua. Nessa escola, pude vivenciar as dificuldades no ensino e no aprendizado de uma língua adicional em sala de aula. Percebi como isso afeta e desestimula os alunos em relação à língua adicional. O momento de observação foi de suma importância, pois ali já pude identificar alunos que têm o hábito de consumir produtos em outras línguas e alunos que parecem não ter muita consciência da presença da língua inglesa nos seus cotidianos. Para esses alunos, notei

um certo receio, medo e até aversão à língua, tornando mais difícil desenvolver atividades que façam o uso dessa língua durante as aulas e que motivem os alunos a aprenderem.

Quando me deparei com essas dificuldades, logo pensei na relevância desse tema, isto é, nas barreiras que os alunos encontram na aprendizagem de língua inglesa na escola pública. Por isso, proponho trazer as necessidades desses alunos para essa pesquisa-ação, com o intuito de melhor compreender que barreiras culturais, psicológicas, socioeconômicas e linguísticas podem frustrar o ensino-aprendizagem da língua inglesa em escolas públicas. Minhas perguntas de pesquisa são: Por que alguns alunos passam por um bloqueio quando se trata de falar qualquer palavra em outra língua mesmo sabendo que algumas palavras estão inseridas no nosso cotidiano? Que barreiras são essas que dificultam o aprendizado da língua inglesa?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre algumas barreiras que os alunos apresentam em aprender inglês na escola.

O objetivo específico desta pesquisa é:

- investigar alguns fatores, ou barreiras culturais, psicológicas, socioeconômicas e linguísticas, que levam os alunos da escola estadual a não se engajarem com a língua inglesa;

O objetivos metodológicos são:

- propor a escrita de diários reflexivos interativos sobre o aprendizado de inglês para elucidar as barreiras com a língua inglesa;
- propor atividades voltadas às artes para que os alunos se expressem com outras formas de linguagem;
- propor momentos de reflexão oral sobre o aprendizado de inglês.

No intuito de poder compor esse trabalho, um estudo com alguns elementos da pesquisa-ação<sup>1</sup> foi desenvolvido nas salas de aula onde ministrei aulas de inglês como residente do PRP - Núcleo de Língua Inglesa. Gostaria que essa pesquisa contribuísse para refletirmos sobre como podemos estimular um maior contato dos alunos com a língua adicional não só dentro da sala de aula, mas também aguçar a curiosidade deles para fora da escola, podendo eles serem capazes de identificar e pesquisar palavras e frases em inglês, demonstrando um interesse na língua que estão aprendendo.

Nos próximos capítulos, apresento a revisão da literatura, a metodologia, os resultados e sua análise, bem como as considerações finais.

---

<sup>1</sup> Os detalhes sobre pesquisa-ação serão descritos no capítulo da metodologia.

## 2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, apresento algumas discussões sobre o ensino de inglês e os desafios enfrentados no contexto da escola pública. Parto de um apanhado geral de como o inglês está inserido no nosso cotidiano como parte de um processo de globalização para refletir sobre abordagens de ensino que possam estimular o engajamento dos alunos.

### 2.1 - Inglês na cultura brasileira e a globalização

A língua inglesa tem sido cada vez mais incorporada na cultura brasileira nos últimos anos, principalmente devido à globalização e à crescente importância do idioma no mundo dos negócios e no campo da tecnologia. Muitos brasileiros estudam inglês em cursos de idiomas ou através de aulas particulares, e a língua é frequentemente usada em músicas, filmes e nas redes sociais.

A cultura estadunidense também exerce grande influência no Brasil, desde assuntos como música e filmes, até assuntos como moda e culinária. Isso pode ser visto na popularidade de estilos musicais como o pop e no aumento do número de restaurantes de fast food multinacionais nas cidades brasileiras como Subway, McDonald's, Burger King, KFC, entre outros. Embora a língua portuguesa ainda seja a principal língua falada no Brasil, parece inegável que a presença de vocábulos da língua inglesa está cada vez mais se fazendo sentir na cultura brasileira.

Então por que aprender inglês em escolas públicas pode se tornar algo tão contramão, se estamos acostumados com essa língua desde cedo em nossa cultura? Tenho observado, na posição de residente de língua inglesa numa escola pública, que muitos dos alunos que se negam a praticar em sala de aula qualquer palavra proposta pelo professor que seja em inglês, falam a plenos pulmões palavras como *Facebook*, *Twitter*, *Like* e *Unfollow*. Para muitos, é um choque saber que essas são palavras em inglês, mesmo a grafia sendo completamente diferente do português brasileiro.

Trago um breve relato sobre a minha primeira aula como aluno residente do PRP - Núcleo de Língua Inglesa, em que a aula era sobre estrangeirismo, e surgiu a palavra "shampoo", escrita com a grafia inglesa. Os alunos não sabiam que, na língua portuguesa, a grafia correta é "xampu". Esse fato tornou-se motivo de riso entre eles, que, naquele momento, descobriram que escreveram uma palavra em inglês durante toda sua vida, sem contar outras como *Internet*, *YouTube* e *Wi-Fi*.

A língua como um elemento vivo está sempre em constante mudanças, palavras diferentes são utilizadas diariamente, assim como outras caem no esquecimento de todos. Antes, a predominância era por palavras de origens africanas e indígenas, que deram lugar às palavras de origem inglesa na contemporaneidade. Esse fenômeno chegou junto com a expansão da TV e revistas, que eram os meios de informação mais usados há algumas décadas, e da *Internet*, . No entanto, a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, no momento que combinar aspectos globais, nacionais, regionais e locais – como é o caso da sala de aula do inglês.

Em 1999, foi proposta uma lei que protegia a língua portuguesa, restringindo a língua inglesa de todo território nacional (BRASIL, PL nº1676/1999). Essa foi a lei proposta por Aldo Rebelo, que foi aprovada no ano de 2000 pela Comissão de Educação, Cultura e Desporto (SCHMIDT, 2000), prevendo punição a quem abusasse do seu uso em propagandas de comércios, com a justificativa de que o uso excessivo de palavras em inglês confunde a população, que não tem obrigação nenhuma em saber seus significados. O estrangeirismo é uma constante nos processos culturais de todo o mundo, provenientes de colonização, miscigenação e das mudanças sociais (OLIVEIRA, 2009, p.7). No meu ponto de vista, a proposta dessa lei desconsidera a fluidez das línguas, querendo dificultar o acesso de uma nova geração de pessoas a outras culturas, outras músicas e outros modos de viver, como um freio para a chegada da globalização no Brasil.

A globalização avança conforme a realidade socioeconômica de cada país, quanto maior o crescimento de capital e investimentos governamentais, mais as tecnologias vão chegando até os povos mais afastados e, com isso, uma avalanche de novidades, informações e palavras novas, fazendo com que uma parcela de pessoas procure se inteirar desse novo idioma. Ribeiro (1995) nos explica o surgimento do termo globalização:

A difusão do termo globalização ocorreu por meio da imprensa financeira internacional, em meados da década de 1980. Depois disso, muitos intelectuais dedicaram-se ao tema, associando-a à difusão de novas tecnologias na área de comunicação, como satélites artificiais, redes de fibra óptica que interligam pessoas por meio de computadores, entre outras, que permitiram acelerar a circulação de informações e de fluxos financeiros. Globalização passou a ser sinônimo de aplicações financeiras e de investimentos pelo mundo afora. Além disso, ela foi definida como um sistema cultural que homogeneiza, que afirma o mesmo a partir da introdução de identidades culturais diversas que se sobrepõem aos indivíduos. Por fim, houve quem afirmasse estarmos diante de um cidadão global, definido apenas como o que está inserido no universo do consumo, o que destoa completamente da ideia de cidadania (Ribeiro, 1995).

O termo globalização pretendia ser sobre tecnologias globais e economia no seu surgimento, como enfatiza Ribeiro (*s.n*). No entanto, outros teóricos nos indicam que: "O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas" (SANTOS, 1993). Santos (1993) preconiza que a globalização perpassa pela cultura, já que são as pessoas que irão ter conhecimentos e informações comuns. Milton Santos concebe que: "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" (SANTOS, 1996, p. 273). Assim, segundo o autor, é necessário estudarmos os locais específicos para vermos como a ideia de globalização se manifesta nos conhecimentos e idealizações das pessoas. Principalmente, quando nosso objeto de trabalho é a língua inglesa, uma língua que se diz globalizada ou se manifesta como a língua da economia e dos negócios mundiais.

A globalização trouxe uma certa preocupação para o ensino inglês, em especial, em escolas públicas com a intenção de que os alunos tenham mais acesso a jogos, *Internet* e meios de comunicação. Ter uma facilidade na comunicação, mesmo que seja básica, também é uma preocupação que os docentes têm, já que o foco na comunicação no ensino de inglês é uma das propostas previstas na BNCC e em projetos de cursos de licenciaturas. No entanto, residentes e estagiários podem ainda se deparar com outras realidades nas escolas públicas em que a metodologia muitas vezes ainda é de gramática-tradução.

O professor de inglês tem o desafio de conseguir fazer com que o interesse pela língua inglesa não fique só dentro da sala de aula ou dentro do mundo da *Internet*. Precisamos mostrar aos alunos que podem pensar em um futuro com mais portas abertas e chances de mudar suas vidas. Um exemplo são as oportunidades dentro de empresas para quem tem o domínio da língua. Porém, essa é uma motivação extrínseca muito longe da realidade do dia a dia da sala de aula. O professor precisa despertar o interesse do aluno, sua motivação intrínseca, para ele ir atrás de sempre saber mais e não se desmotivar ao vislumbrar o longo caminho de aprendizagem que tem pela frente.

Propor uma boa aula de inglês para dentro de uma escola pública seria levar o desejo do conhecimento para aqueles alunos; seria propor a inclusão de alunos de escolas públicas no meio social em que vivemos, tendo em vista que estamos imersos em palavras, gírias e propagandas na língua inglesa; seria dar a eles o poder da comunicação em tempos de

globalização. Nesse sentido, o processo de ensino de inglês passa a ser visto como meio de aumentar as perspectivas culturais e profissionais de um cidadão (DAVID, 2017, p. 25).

## **2.2 Abordagens para o ensino de inglês**

Em seu artigo, David (2017) escreve sobre as barreiras que o professor de língua adicional passa durante sua trajetória em sala de aula, afirmando, em linhas gerais, que antes víamos o aluno não se engajando com as aulas, e que agora vemos professores que não acreditam nos potenciais deles próprios e também menosprezando a capacidade do aluno. Vieira-Abrahão (1996 *apud* DAVID, 2017, p. 27) “observa que a sala de aula, durante o ensino de inglês, muitas vezes se transforma em um campo repleto de conflitos e incertezas por parte dos professores frente ao seu próprio trabalho”.

Alguns professores sofrem com suas próprias barreiras ao ensino de inglês, por exemplo, a proficiência linguística e a motivação. O fato de não terem uma proficiência elevada na língua pode gerar insegurança na hora de dar aula. E essa insegurança pode ser transmitida aos alunos. Tanto aluno como professor devem ter estímulos para seguir em frente. Para o professor é gratificante ver os alunos realizando suas tarefas, e o aluno deve se sentir estimulado a procurar sempre mais sobre o que ele está aprendendo. Assim, quando há uma resistência dos alunos em realizarem as atividades propostas, os professores podem se sentir abalados. Todo tipo de aprendizagem precisa ser uma troca que envolve afetividade, companheirismo e paciência. Essas são as palavras-chave na hora de aprender um idioma.

As barreiras dos professores podem se aplicar também aos alunos. Pode haver uma descrença entre professores que demonstram preconceito linguístico com seus alunos, considerando-os incapazes de aprender outra língua já que, muitas vezes, não falam ou não aprendem o português padrão.

Assim, torna-se necessário refletir sobre abordagens de ensino ou narrativas de aprendizagem (LIMA, 2011) para vislumbrar possibilidades para o ensino de inglês que sejam pertinentes em nosso contexto cultural com vários termos da língua inglesa incorporados na língua brasileira, e uma possível ideia de globalização, através da língua inglesa, presente nos contextos educacionais.

Narrativas de aprendizagem, ou seja, abordagens de ensino, exploram os meios de se ensinar e aprender, no caso desse estudo, mais especificamente o inglês como língua adicional. Elas podem revelar a frustração, os receios e as cargas emocionais que alunos e

professores carregam consigo. Lima (2011, p. iv) apresenta o que são narrativas de aprendizagem:

Narrativas de aprendizagem é um tema que apenas recentemente começou a ser explorado como um novo paradigma, a fim de melhor compreender o processo de ensino e de aprendizagem de línguas. Elas são tidas como uma opção pós-moderna utilizada na construção de métodos e técnicas para o ensino de línguas estrangeiras.

Durante o período em que os alunos de graduação estão em formação, surgem alguns métodos de conseguir proximidade com alunos, como o desenvolvimento de jogos, de avaliações prognósticas, além de empatia para lidar com os estudantes. Porém, nada disso é o suficiente quando os alunos das escolas já vêm com uma carga negativa em relação às aulas de inglês. Por vezes, o fato contrário também pode ser prejudicial, quando os alunos idolatram seu professor de inglês, porém o mesmo não exerce 100% seu papel de professor, tornando-se mais um amigo dos alunos do que alguém realmente preocupado com o ensino e a aprendizagem. Nesse momento, o aluno pode passar a não levar a sério as aulas e as avaliações.

Professores recém formados saem das faculdades com esperança e brilho nos olhos e muita vontade de mudar o mundo através da educação. Geralmente, eles acreditam que isso seja possível. Mesmo após anos de sala de aula, ainda há um resquício de esperanças. No entanto, o dia a dia dentro da sala de aula, a desmotivação dos alunos, a baixa remuneração, as horas extensas de trabalho e a negligência do governo com a educação de um modo geral causam um sentimento desestimulante aos profissionais.

Alguns professores são tão jovens para desacreditar na educação, mas é essa a realidade que eles enfrentam. Essa desmotivação logo no início da carreira leva alguns professores a uma acomodação e, com isso, muitos de seus sonhos de transformação são deixados para trás. Esse tipo de desestímulo, ou acomodação, faz com que se abra espaço para criação de propostas de atividades mais rápidas que não exigem muito, nem do aluno e nem do professor.

Como já mencionado anteriormente, a falta de engajamento dos alunos quando o assunto é aprender inglês pode causar consequências. Um exemplo é o professor deixar de propiciar uma boa aula de inglês, porque a maioria dos alunos não gosta e não interage. Isso pode prejudicar aquele aluno que tem vontade de aprender e que gosta da língua. Muitas vezes, a aula de inglês se torna uma aula de descanso em que os alunos se esforçam o mínimo. Isso pode gerar o menosprezo de colegas de trabalho e a crença de que ser professor de inglês

é "moleza", isso é, que não tem dor de cabeça para preparar aulas, ministrar aulas, exigir resultados. Essa imagem pode influenciar o próprio professor de inglês, que deixa de colocar fé na função que ele exerce.

Leffa (2011, p.15) diz que tem ouvido mais queixas de professores que tentam ensinar para alunos que não querem aprender do que protestos de alunos que querem aprender sobre professores que não querem ensinar. Essa tem sido a minha experiência como residente do PRP - Núcleo de Língua Inglesa.

A forma como aprendemos está sempre evoluindo para atender às necessidades da sociedade em constante mudança. Assim também deve se transformar a forma como ensinamos. Com o avanço da tecnologia, surgem novas narrativas de aprendizagem (LIMA, 2011) ou modos de ensinar que exploram diferentes plataformas e abordagens, proporcionando aos alunos experiências educacionais mais envolventes e eficazes.

Uma dessas novas narrativas é a aprendizagem baseada em projetos. Nessa abordagem, os alunos são incentivados a trabalhar em projetos práticos e desafiadores, nos quais podem aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula para resolver problemas do mundo real. Esse método promove a autonomia, a criatividade e a colaboração entre os estudantes, permitindo uma aprendizagem mais significativa e duradoura.

Moran (2015, p. 17) afirma que:

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes.

Outra narrativa emergente, ou abordagem de ensino, é a aprendizagem baseada em jogos. Os jogos podem engajar os alunos de maneira única, por meio de desafios, recompensas e competições, tornando o processo de aprendizagem divertido e envolvente. Além disso, os jogos oferecem a possibilidade de simular situações da vida real, permitindo aos alunos experimentar e aprender com os erros de maneira segura. Essa abordagem incentiva a resolução de problemas, o pensamento crítico e o trabalho em equipe.

Além disso, Reis (2023) nos mostra que, nas revistas que têm professores como público alvo, um dos assuntos correntes é o uso de tecnologias na sala de aula. Reis (2023, n.p) nos comunica que “[...] tecnologias como vídeos, simulações, jogos educacionais e realidade virtual oferecem experiências de aprendizagem interativas e envolventes. Os docentes podem selecionar e adaptar esses recursos para atender às necessidades específicas

dos alunos”. O tópico importante é que a aprendizagem com tecnologia se torne mais interativa e envolvente para os alunos, acredito que, por oferecerem veículos instrutivos com os quais os alunos estejam familiarizados. Reis (2023) entende que a seleção e a adaptação dos materiais tecnológicos pode personalizar o ensino.

A aprendizagem personalizada também está ganhando destaque nas novas narrativas educacionais. Com o auxílio da tecnologia, os professores podem adaptar o ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Isso envolve o uso de dados e análises para identificar as habilidades e lacunas de conhecimento de cada estudante, permitindo que os professores forneçam uma instrução mais direcionada e personalizada. Dessa forma, os alunos podem avançar em seu próprio ritmo e de acordo com suas próprias habilidades, maximizando seu potencial de aprendizado.

Essas novas narrativas de aprendizagem têm o potencial de transformar a educação, tornando-a mais acessível, engajadora e relevante para os estudantes. No entanto, é importante que os educadores estejam preparados para explorar e adotar essas abordagens inovadoras. A formação contínua dos professores, o acesso à infraestrutura tecnológica adequada e o suporte de políticas educacionais são essenciais para o sucesso da implementação dessas novas narrativas. Novas narrativas de aprendizagem têm o potencial de fazer exatamente isso: envolver os alunos em experiências educacionais significativas, desafiadoras e gratificantes.

Outra abordagem de ensino que deve ser pensada para os espaços educacionais é a tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua de inglês. A tradução como interculturalidade envolve o uso da tradução como uma ferramenta para promover o entendimento e a comunicação entre diferentes culturas. Essa abordagem reconhece que cada idioma carrega consigo não apenas palavras e estruturas gramaticais únicas, mas também uma visão de mundo e uma forma específica de expressão cultural (HINOJOSA; LIMA, 2008).

Ao incorporar a tradução como parte do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, os alunos são capazes de explorar diferentes perspectivas culturais e desenvolver habilidades de comunicação intercultural (HINOJOSA; LIMA, 2008). Isso é especialmente importante em um mundo cada vez mais globalizado, onde a interação entre pessoas de diferentes culturas deveria ser comum.

A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira pode ser implementada de várias maneiras. Uma delas diz respeito aos alunos realizando atividades de tradução em sala de aula, traduzindo textos ou músicas do inglês para o português e vice-versa, isto é, versando do português para o inglês. Essas atividades não apenas ajudam no desenvolvimento das habilidades de tradução, mas também oferecem aos alunos a

oportunidade de explorar outras culturas presentes nos textos (HINOJOSA; LIMA, 2008). Como docente de duas línguas adicionais, sendo elas inglês e espanhol, é interessante procurar músicas ou textos que envolvem os dois idiomas, com isso poderemos levantar aspectos culturais das duas línguas e a razão por que cada autor/compositor resolveu se expressar utilizando dois idiomas. Além disso, a influência da cultura hispânica na língua inglesa na América do Norte faz com que haja uma influência da língua espanhola na língua inglesa em certos contextos como vemos no Spanglish.

Ademais, a tradução também pode ser usada como uma ferramenta de comparação entre as duas ou mais línguas. Os alunos podem analisar as diferenças e semelhanças entre os idiomas, explorando as outras formas de expressão e as estruturas gramaticais específicas de cada cultura. Isso ajuda a promover uma compreensão mais profunda das diversas perspectivas culturais e a superar possíveis barreiras de comunicação.

É importante ressaltar que a tradução deve ser usada como parte de uma abordagem mais ampla no ensino de línguas adicionais. Ela não deve substituir outras atividades, como a prática oral, a leitura e a escrita. A tradução deve ser vista como uma ferramenta complementar para promover a interculturalidade e o entendimento entre diferentes culturas (HINOJOSA; LIMA, 2008).

Em resumo, para Hinojosa e Lima (2008), a tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua adicional é uma abordagem que reconhece a importância da compreensão intercultural na aprendizagem de idiomas. Ao incorporar a tradução como uma atividade educacional, os alunos são incentivados a explorar diferentes perspectivas culturais e a desenvolver habilidades de comunicação intercultural. Isso contribui para uma compreensão mais profunda e significativa da língua estrangeira e da cultura associada a ela.

### **2.3 Logística da sala de aula**

Além das abordagens de ensino, outro ponto importante para ser pensado é a logística de sala de aula. A logística da sala de aula de inglês é uma parte importante para garantir um ambiente de aprendizado eficaz. Abordaremos algumas informações essenciais sobre a logística da sala de aula de inglês. Oliveira (2015, p. 17) define logística como: "Ah, definamos logística: conjunto de arranjos necessários para organizar algo com sucesso, especialmente algo que envolva muitas pessoas ou equipamentos". O autor usa o termo "caótico" para mencionar o ambiente em sala de aula quando o aprendizado não parece seguir

uma linha reta. Diz ele que professores precisam ser um norte nesse ambiente escolar de sala de aula para que esse “caos” não seja corriqueiro, e que tanto professor como aluno saiam satisfeitos dessa jornada que é o ensino-aprendizagem da língua inglesa. Para isso, Oliveira (2015, p. 19) ressalta a importância de horários e frequência, o ambiente, os recursos e materiais, a organização do espaço, o planejamento das aulas, a avaliação e o feedback, além da interação e participação.

Seguindo o mesmo raciocínio de Oliveira, organizamos a logística da sala aula da seguinte forma: horário e frequência, sala de aula física ou virtual, recursos e materiais, organização do espaço, planejamento de aulas, avaliação e feedback, além de interação e participação.

1. Horários e frequência: O primeiro aspecto importante é estabelecer horários regulares para as aulas de inglês. Isso permite que os alunos se organizem e se comprometam com o processo de aprendizado. A frequência das aulas também é relevante para garantir a continuidade e a progressão.

2. Sala de aula física ou virtual: A sala de aula pode ser física, em um local específico, ou virtual, utilizando plataformas online. Ambas têm suas vantagens e desafios. A sala de aula virtual permite maior flexibilidade de acesso, enquanto a sala física pode proporcionar interação pessoal mais direta.

3. Recursos e materiais: A sala de aula de inglês precisa estar equipada com materiais essenciais para o aprendizado, como livros didáticos, dicionários, materiais de escrita e materiais audiovisuais. Além disso, recursos digitais, como aplicativos e sites, podem ser utilizados para complementar o aprendizado e torná-lo mais interativo.

4. Organização do espaço: É importante organizar o espaço da sala de aula de forma adequada, garantindo que todos os alunos possam visualizar o professor e os materiais. Seja na sala física ou virtual, é possível criar uma disposição que facilite a interação e a participação dos alunos.

5. Planejamento de aulas: O planejamento cuidadoso das aulas é fundamental para manter a progressão do aprendizado e a variedade de atividades. Os professores devem elaborar um plano que esteja alinhado com os objetivos de aprendizado, incluindo atividades de compreensão oral, leitura, escrita e fala.

6. Avaliação e feedback: A logística da sala de aula de inglês também inclui a avaliação do progresso dos alunos e o fornecimento de feedback. Testes, exercícios práticos e tarefas de escrita são algumas formas de avaliar o desempenho dos alunos. O feedback individualizado é importante para ajudar os alunos a entenderem suas áreas de melhoria e a se desenvolverem.

7. Interação e participação: Promover a interação e participação dos alunos é essencial para um ambiente de aprendizado eficaz. Os professores devem criar atividades que incentivem a comunicação em inglês, como discussões em grupo, jogos de role-playing e debates.

Ao estabelecer uma logística eficaz, os professores podem proporcionar um ambiente de aprendizado estimulante e eficiente para os alunos.

O ensino-aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas é um assunto que enfrenta desafios entre a realidade e o ideal. O ideal é que esperamos que a língua inglesa seja ensinada de maneira eficaz, proporcionando habilidades linguísticas sólidas e promovendo a proficiência na língua. No entanto, na prática, isto é, na realidade, existem diversos obstáculos que dificultam a criação desse ideal.

Em muitas escolas públicas, a falta de recursos é um dos principais problemas enfrentados pelos professores de inglês. A escassez de materiais didáticos adequados, como livros e materiais audiovisuais, compromete a qualidade do ensino. Além disso, a internet precária dificulta a realização de atividades interativas, essenciais para o aprendizado efetivo do inglês. Esses desafios mostram a precariedade de recursos disponíveis para o ensino.

Além dos desafios enfrentados nas escolas, também há fatores externos que afetam o ensino-aprendizagem da língua inglesa em escolas públicas. As condições socioeconômicas desfavoráveis enfrentadas por muitos alunos, como a falta de acesso à internet em casa e a falta de apoio familiar em muitas realidades, também dificultam o progresso no aprendizado.

Apesar desses desafios (adversidades), é importante ressaltar que há esforços contínuos para melhorar o ensino-aprendizagem de língua inglesa nas escolas públicas. Programas como o Residência Pedagógica em Língua Inglesa junto com outros programas governamentais de ensino superior e a desenvolvimento de políticas educacionais voltadas para o inglês como segunda língua são iniciativas que visam melhorar a qualidade do ensino.

Contrapondo as adversidades, o papel do professor de línguas é pensar além das ideias básicas criando, no ensino de inglês como uma língua globalizada, uma ferramenta para aprimorar a ambição para o futuro. Assim, levando aos alunos um desenvolvimento melhor na comunicação, para que eles desenvolvam-se em todos meios, principalmente nos meios culturais e profissionais, mesmo com todas as dificuldades que o ensino-aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas enfrenta. Segundo David (2017, p. 77), "[o] ponto chave é que as pessoas possam ampliar a comunicação em um tempo de globalização e interação social constante e imediata". Assim, aprender inglês pode facilitar ou até mesmo ampliar as possíveis interações sociais dos alunos.

Os tópicos relatados sobre o ensino-aprendizagem de inglês na sala de aula são a falta de recursos, falta de professores qualificados e condições socioeconômicas desfavoráveis. Eles são alguns dos obstáculos enfrentados nas escolas públicas. No entanto, há esforços, que citamos no referencial teórico e nesta pesquisa, sendo feitos para superar essas barreiras e melhorar o ensino da língua inglesa nas escolas públicas.

Leffa aponta como buscamos culpados para os fracassos escolares percebidos. Diz ele (LEFFA, 2011 *apud* MARZARI; BADKI, 2013, p. 7) :

na tentativa de encontrarmos um culpado para esse fracasso, foram criados, pelo menos, três bodes expiatórios: o governo, o professor e o aluno. O governo, por instituir leis que limitam o acesso à LE [Língua Estrangeira] na escola pública e por não oportunizar um ensino de qualidade, devido, principalmente, à falta de professores devidamente qualificados, à carência de recursos e materiais didáticos adequados e à reduzida carga horária destinada ao ensino de LEs.

O ensino-aprendizagem de inglês nas escolas públicas é uma área que realmente requer mais investimento por parte dos governos. A língua inglesa é essencial nos dias de hoje, principalmente devido à sua relevância global, sendo amplamente utilizada nos negócios, comunicação internacional e turismo. Portanto, é importante que os estudantes tenham acesso a um ensino de qualidade nessa área.

Ao investir mais no ensino de inglês, os governos podem fornecer recursos adequados, além dos materiais didáticos atualizados do Programa Nacional do Livro e do Material Didático, como o acesso a equipamentos tecnológicos, contratação de professores qualificados e a criação de programas de imersão linguística. Essas medidas ajudam a melhorar a qualidade do ensino, tornando-o mais atrativo e eficaz. Além disso, é fundamental que o ensino de inglês seja acessível a todos os estudantes, independentemente de sua origem socioeconômica. Para isso, os governos podem implementar políticas de inclusão, como a oferta de bolsas de estudos e programas de apoio financeiro para os alunos que não têm condições de arcar com cursos particulares.

Outro ponto importante é a valorização dos professores de inglês. É preciso garantir uma formação adequada a esses profissionais, oferecer oportunidades de desenvolvimento contínuo e condições de trabalho adequadas, como salários justos e recursos pedagógicos. Somente assim será possível atrair e manter profissionais qualificados, capazes de proporcionar um ensino de qualidade aos alunos.

Em suma, o investimento adequado no ensino-aprendizagem de inglês nas escolas públicas é imprescindível. Isso garantirá que os estudantes tenham acesso a um ensino de

qualidade e estejam preparados para enfrentar os desafios e oportunidades que o mundo globalizado oferece.

Neste capítulo, vimos que não podemos ignorar o fato de estarmos imersos na língua inglesa como parte de nossa cultura brasileira e da globalização que leva consigo uma cultura popular de língua inglesa a todos os cantos do mundo. Também não podemos ignorar as pesquisas sobre as abordagens de ensino de inglês e sobre as realidades da sala de aula na escola pública que muitas vezes relatam um comportamento de indiferença dos alunos quanto ao ensino-aprendizagem de inglês.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi um estudo nas salas de aula em que atuei como residente do Programa Residência Pedagógica da Unipampa - Núcleo de Língua Inglesa, através da análise e discussão dos instrumentos de pesquisa que foram os diários reflexivos interativos, uma atividade artística e entrevistas individuais com os participantes aplicados no período de setembro a novembro de 2023.

Assim, este estudo se utiliza de alguns elementos da pesquisa-ação, já que se pretendia entender a realidade da sala de aula em que eu estava atuando como residente do Programa Residência Pedagógica da Unipampa - Núcleo de Língua Inglesa. Minha atuação no PRP foi de outubro de 2022 até novembro de 2023. No entanto, o estudo foi realizado de setembro a novembro de 2023. Assim, através das reações, opiniões, descrições de situações e discussões que os alunos suscitaram, busquei aspectos e fenômenos que me ajudaram a ver a realidade da aprendizagem da língua inglesa no contexto de uma escola pública estadual no município de Bagé/RS

A pesquisa-ação pode ser definida como (THIOLLENT, 1985, p. 14):

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Além disso, a pesquisa-ação exige o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte dele para lidar com a questão ou problema com que se depara. “ [...] a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro” (THIOLLENT, 1985, p.55-56).

Tripp (2005, p. 446) diz que:

A maioria dos processos de melhoria segue o mesmo ciclo. A solução de problemas, por exemplo, começa com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia.

Entendo que no PRP, identifiquei que os alunos tinham um problema de engajamento na sala de aula e não conseguia entender suas barreiras com a língua inglesa. Isso aconteceu em fevereiro e março, quando comecei a observar e planejar as aulas. Assim, pensei em

estratégias de sala de aula para que isso se modificasse ao longo do ano. Ao elaborar o projeto de TCC, teci maneiras de monitorar como o engajamento dos alunos estava se dando. No entanto, a avaliação e feedback dos alunos quanto a esse monitoramento não foi estruturada.

Tripp (2005, p. 447) nos alerta que:

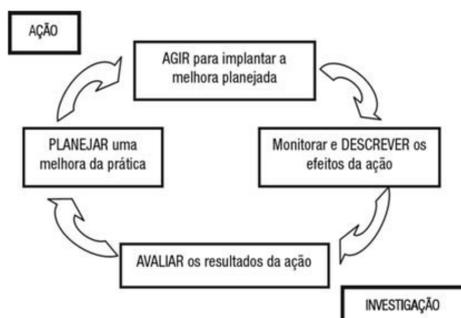
Isso é importante porque se qualquer tipo de reflexão sobre a ação é chamada de pesquisa-ação, arriscamo-nos a sofrer a rejeição exatamente por parte das pessoas com as quais a maioria de nós conta para aprovação ou financiamento do trabalho universitário.

Nesse sentido, o financiamento do projeto não foi alterado, pois a bolsa da CAPES manteve-se regular durante todo esse período, já que não depende de uma avaliação quanto aos projetos de pesquisa vinculados à docência. No entanto, senti que houve rejeição por parte dos alunos quando eu propus os instrumentos de pesquisa. Dos possíveis trinta alunos participantes da pesquisa, somente cinco concordaram em participar. Além disso, este estudo é somente uma reflexão, não sobre a percepção dos alunos e da professora-preceptora quanto às barreiras de ensino-aprendizagem e não uma “pesquisa-ação [em] forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447).

A pesquisa-ação inspira esse estudo, apesar da não implementação de todos os passos requeridos para caracterizar a mesma: 1) Planejar uma prática para melhorar um ambiente; 2) Agir ou implantar a melhora planejada nesse ambiente; 3) Monitorar e descrever os efeitos da ação e 4) Avaliar os resultados da ação, conforme Figura 1.

Figura 1 - Quatro fases da pesquisa-ação

Diagrama 1: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



Fonte: Tripp (2005, p. 447).

Neste estudo, dos passos da Figura 1, entendo que: planejei uma prática para melhorar o ambiente de sala de aula que percebi como resistente ao aprendizado de inglês, implementei a prática com diários reflexivos interativos e atividade para expressão livre dos sentimentos e ideias, por fim, busquei refletir sobre os efeitos das ações propostas em entrevistas individuais. No entanto, não re-avaliei as ações propostas.

Os participantes do estudo foram alguns alunos de duas turmas do segundo ano do ensino médio de uma escola na cidade de Bagé/RS, durante o período de vigência do PRP - Núcleo de Língua Inglesa. Cada turma tinha em média uns quinze alunos, sendo que compareciam às aulas em média oito alunos por turma, alternando sua frequência. Destes, os participantes da pesquisa foram cinco alunos que concordaram em participar e seus pais assinaram o termo de assentimento. Todos os alunos que compareciam às aulas realizavam as atividades propostas, no entanto somente os participantes da pesquisa se engajaram a refletir sobre sua relação com a língua inglesa através dos instrumentos propostos. Além disso, outra participante foi a professora-preceptora (professora titular da turma) em um dos instrumentos.

Para realização deste estudo foi utilizado a aplicação dos seguintes instrumentos:

- **Journals** - Diários reflexivos interativos - foram 5 entradas e trocas nos *journals* interativos escritos por mim, professor-pesquisador, e pelos alunos participantes da pesquisa. Pedi a escrita de diários para os alunos com o objetivo de trazer uma proximidade entre aluno e professor, espaço onde tentei criar mais laços afetivos e saber mais sobre seus gostos pessoais relacionados ao inglês. Nestes diários, eu sugeria um tópico ou uma pergunta, eles respondiam e eu respondia a eles novamente propondo nova pergunta.

- **ArtWork - Ação proposta - Atividade de expressão artística** - foi proposta uma atividade de expressão artística para diversificar a linguagem utilizada em sala de aula.

- **Entrevistas Individuais com os alunos-participantes** - foi realizada uma entrevista no final do período deste estudo, que foi de setembro a novembro de 2023. As entrevistas foram individuais, portanto foram realizadas quatro entrevistas, cada uma delas individualmente com quatro alunos participantes; um aluno não participou da entrevista. Fiz a entrevista quando a troca entre professor-residente e aluno através dos *journals* já estivesse em curso para que o aluno ficasse à vontade para falar seus pontos em relação à língua, sobre suas dificuldades, possíveis traumas, e pontos negativos e positivos em relação às aulas e ao professor-residente.

- **Entrevista com a professora preceptora da turma** - foi realizada uma entrevista com a preceptora. Fiz a entrevista com a preceptora quando o período deste estudo de setembro a novembro 2023 foi finalizado.

Recapitulando, todos os dados da pesquisa foram recolhidos de setembro a novembro de 2023. Nesse período, foram aplicados os instrumentos da pesquisa (diários reflexivos interativos, atividade de expressão artística e entrevistas), intercalando com aulas práticas de inglês com a esperança de que, com o andamento da pesquisa, os alunos se dedicassem mais às aulas, isto é, que eles frequentassem mais as aulas e se engajassem mais ativamente nas aulas.

## 4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresento os dados gerados através dos instrumentos de pesquisa que foram os *journals*, ou diários reflexivos interativos, a *ArtWork* e as entrevistas individuais. Início minha reflexão sobre as barreiras ao aprendizado de inglês pelos *Journals*, os quais me permitiram uma aproximação com os alunos que aceitaram participar desta pesquisa. Logo a seguir, descrevo a atividade artística proposta e apresento as produções dos alunos. Então, discuto as entrevistas individuais com os alunos e com a professora preceptora.

### 4.1 Journals

Quando tive a ideia de aplicar os *journals* com as turmas de 2º ano de ensino médio, logo me recordei que tive essa experiência no primeiro semestre do Curso de Letras Línguas Adicionais. Havia sido uma experiência enriquecedora para mim. Meu intuito era não obrigar nenhum aluno a participar das minhas ideias de pesquisas. Meu desejo era que os alunos sentissem que essa pesquisa era necessária para o desenvolvimento deles nas aulas de inglês, que talvez a pesquisa pudesse aumentar o seu interesse pela língua inglesa, consequentemente aumentando o seu rendimento em sala de aula.

No entanto, quando levei até os alunos a ideia para eles se expressarem usando inglês ou português para falarem sobre sua relação com o inglês nos *journals*, tive poucas respostas positivas - somente cinco respostas positivas para participação no projeto.

Duas respostas negativas me chamaram a atenção. São elas: 1) O Aluno M disse que não iria contribuir com a minha proposta do *journal*. Ele me relatou que não era responsável para cumprir o prazo semanal. Ele iria me prejudicar. Expliquei que poderíamos conversar sobre os prazos: mesmo assim ele negou. 2) Já outro aluno, que parece ser bem iniciante em inglês, o Aluno K, se mostrou muito curioso e estava disposto a contribuir, porém por ser menor de idade precisava de autorização. O responsável negou sua participação dizendo que seria uma “bobagem” contribuir com algo relacionado à Unipampa.

Nessas duas respostas negativas, dentre as vinte e três negativas ou silêncios que obtive, são sintomas de problemas maiores. Primeiro, notei que o aluno tem noção que ele não entregaria no prazo solicitado – algo relacionado à frequência de todos os alunos, não só um caso isolado. Durante minha atuação no PRP, pude perceber uma baixa frequência da maioria dos alunos, e também a não preocupação da escola em solucionar esse problema. Notei que parece haver uma desvalorização da Unipampa na cidade, percebendo a universidade pública como algo ruim ou a famosa “balbúrdia”. Após vários convites para que os alunos

colaborassem com minha pesquisa, obtive, então, cinco respostas positivas com alunos que se mostraram empolgados em ajudar e curiosos sobre como seria o desenvolvimento da escrita.

De um modo geral, obtive a aproximação que gostaria com os alunos que participaram dos *journals*. Pude descobrir um pouco mais sobre a vida pessoal deles, seus gostos e suas crenças. A maneira que a troca foi surgindo, a experiência foi se tornando mais interessante, cada um ao seu tempo e sem pressão em ter que responder qualquer coisa apenas para gerar um resultado.

As aulas que ministrei na escola eram todas nas segundas feiras pela manhã, por isso já esperava uma baixa frequência dos alunos. Porém, outros fatores atrapalharam um pouco a dinâmica da escrita em cadernos e da entrega e retirada dos *journals*. Com certeza, a mais difícil foi a chuva de granizo que ocorreu no final do mês de setembro, quando a maioria das casas foi atingida pela tempestade que ocorreu na madrugada de sábado para domingo. Então, as aulas de segunda-feira foram canceladas e retornamos uma semana após essa catástrofe climática. Então, recebi relatos de que alguns dos *journals* foram perdidos por conta do enorme volume de chuva. Uma aluna em específico, vamos chamá-la de Aluna 1, seu diário foi entregue completamente úmido, e ela, um pouco envergonhada, pediu desculpas, porém não deixou de entregar no prazo certo sempre que possível.

A Aluna 2 sempre despertou minha curiosidade, pois sua pronúncia é perfeita, e eu não entendia como ela poderia possuir fluência quando falava inglês, ao ponto de deixar colegas constrangidos. Uma menina educada, engraçada e muito inteligente, mostrava-se um pouco frágil e foi pelo *journal* e por algumas atividades feitas em sala de aula que descobri alguns problemas familiares e problemas psicológicos. Problemas esses que ela leva no bom humor talvez como uma forma de defesa, porém sempre com um sorriso no rosto e respostas na ponta da língua. Por causa de alguns problemas familiares e psicológicos, a aluna é bastante infrequente, isso não a atrapalha no rendimento nas aulas de inglês, porque ela já tem uma base bem sólida. Por causa disso, essas situações, inclusive presenciadas por mim em sala de aula, nos deixa afastados, não conseguia ter um contato mais próximo. Porém, após uma sequência de atividades sobre famílias e emoções, ela foi compartilhando alguns sentimentos e medos conosco. Através das propostas de conteúdos e atividades, consegui uma aproximação maior com ela. Por fim, ela já não faltava mais às aulas e trocamos mensagens fora da escola onde ele me mandou um texto bem forte relacionado às emoções que trabalhamos em sala de aula.

*Excerto do Journal da Aluna 2:*

*What is your relationship with the English language?*

- *Razoável, às vezes vejo em vídeo que assisto, séries e filmes e músicas.*

*Tell me something about your weekend*

- *Depression*

*Seriously? Do you follow up with a Psychologist?*

- *Sim, terapia online.*

Uma das minhas maiores surpresas foram as Alunas 3 e 4, resolvi escrever sobre as duas juntas, porque foi através da escrita delas que descobri que elas são um casal. Duas jovens de 17 e 21 anos vivendo uma das melhores épocas da vida com responsabilidades de adultos. Parece que isso dificulta a aprendizagem do inglês, já que a vida adulta requer outras prioridades e, com certeza, estudar inglês não seria uma delas. Notei um esforço maior de ambas em realizarem as atividades. Foi algo bem gradual – aos poucos foi surgindo um interesse em nossas aulas e nas atividades. Porém, tudo isso somente no período da aula de inglês. No entanto, a proficiência em inglês é bem iniciante o que torna difícil criar uma ligação com a língua, mesmo que existam memórias afetivas com a língua adicional.

Por último, o Aluno 5 foi influenciado diretamente pelas Alunas 1 e 2 a participar da escrita do *journal*. Infelizmente, após a chuva de pedras ele não retornou à escola – mudou-se para outra cidade e não conseguiu concluir a proposta. Penso que para ele seria um trabalho interessante, o ajudaria a se expressar melhor, além de trabalhar o sentido das perguntas feitas. Na maioria das vezes, ele usou o Google Tradutor para responder as perguntas e, com o uso desta ferramenta, algumas perguntas perdem o nexo quando traduzidas.

A próxima seção irá apresentar maneiras diferentes que possibilitam a aprendizagem do inglês por parte dos alunos em sala de aula.

## **4.2 ArtWork**

Como professor residente, precisei correr contra o tempo, e contra imprevistos que ocorreram durante o ano letivo. Algumas atividades e dinâmicas não foram sequer iniciadas por vários motivos, como cancelamento das aulas, palestras, chuvas intensas. Porém, consegui levar aos alunos algumas atividades para eles pensarem e se expressarem em inglês.

A primeira atividade planejada para trabalhar com eles foi um poema chamado “Metaphors” de Sylvia Plath. Minha ideia era trabalhar com os alunos interpretações em

inglês, trazendo a eles um poema totalmente em inglês que seria traduzido em aula para uma melhor compreensão das atividades.

Figura 2: “Metaphors” by Sylvia Plath

Metaphors  
I'm a riddle in nine syllables,  
An elephant, a ponderous house,  
A melon strolling on two tendrils.  
O red fruit, ivory, fine timbers!  
This loaf's big with its yeasty rising.  
Money's new-minted in this fat purse.  
I'm a means, a stage, a cow in calf.  
I've eaten a bag of green apples,  
Boarded the train there's no getting off.

Sylvia Plath

Fonte: Plano de aula do Autor, 2023.

A atividade pareceu ser bem aceita, alguns alunos nunca tinham lido um poema em inglês. Com a prática da leitura de linha por linha em inglês e depois traduzindo verbalmente para o português, os alunos conseguiram responder às perguntas. A discussão de um poema tão relevante para a realidade deles, que fala sobre a gravidez, o corpo da mulher nesse período delicado e modificador, gerou debates, discussões e reflexões sobre o tema. As perguntas trabalhadas em sala de aula foram as seguintes:

- What is your interpretation of the poem?
- What are your interpretations of these metaphors?

Line 1: “I'm a riddle in nine syllables”

Line 2: “An elephant, a ponderous house”

Line 8: “I've eaten a bag of green apples”

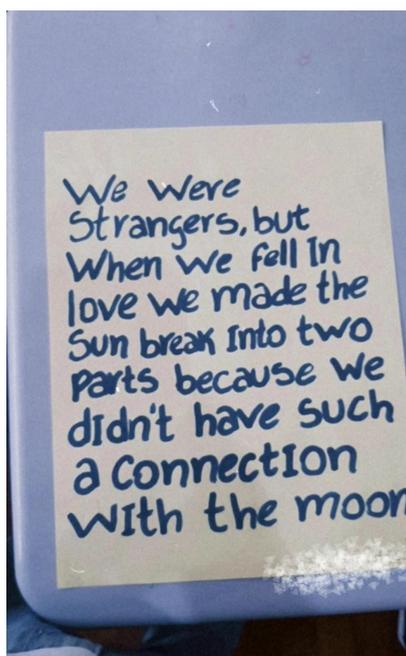
Line 9: “Boarded the train, there's no getting off.”

O objetivo da atividade era gerar interesse e reflexão sobre os temas já citados. Acredito ter sido bem sucedida, já que é importante levar os alunos a pensarem fora de suas vivências como, por exemplo, os alunos que são meninos, que tem que criar empatia com as meninas e seus corpos e saúde mental durante uma gestação. Também fazer com que as alunas tenham empatia umas com as outras e criem uma rede de acolhimento maior para abraçar as causas citadas no poema.

A segunda atividade que eu propus surgiu da minha paixão por música e arte, principalmente músicas em inglês. A ideia inicial era que os alunos se expressassem de qualquer maneira artística: música, desenhos, colagens, dança, poemas. Notei neles uma capacidade enorme de desenvolver vários tipos de arte – são alunos jovens, que precisam explorar todos os tipos de propostas.

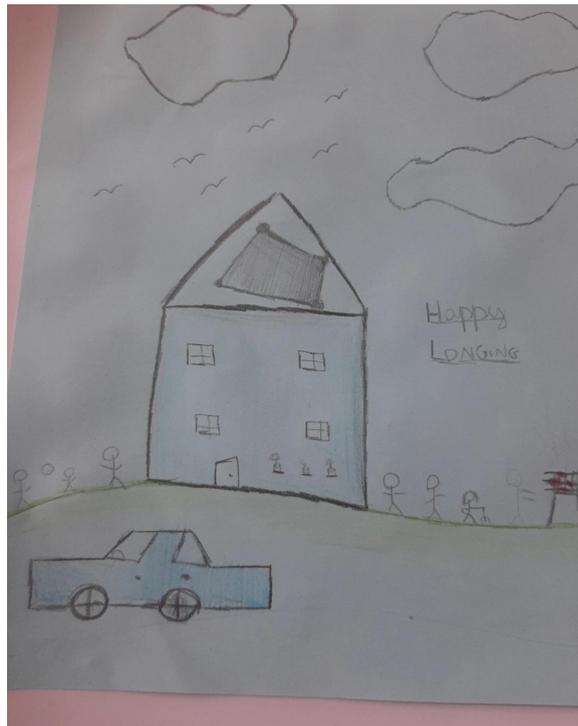
Após uma sequência de conteúdos que envolviam família e emoções em inglês, percebi na Aluna 2 uma dificuldade em expressar os sentimentos que estavam guardados dentro dela. Achei pertinente combinar com os alunos uma aula para eles escolherem um sentimento visto nas atividades. Após feita essa escolha, eles deveriam se expressar de qualquer modo. Para minha surpresa, obtive trabalhos lindos, fortes e cheios de sentimentos. Sentimentos esses que às vezes são difíceis de externar como, por exemplo, o aluno que desenhou sua casa com lona por conta da chuva de granizos, ou alunos apaixonados e também alunos com várias amarras familiares e psicológicas.

Figura 3: Poem



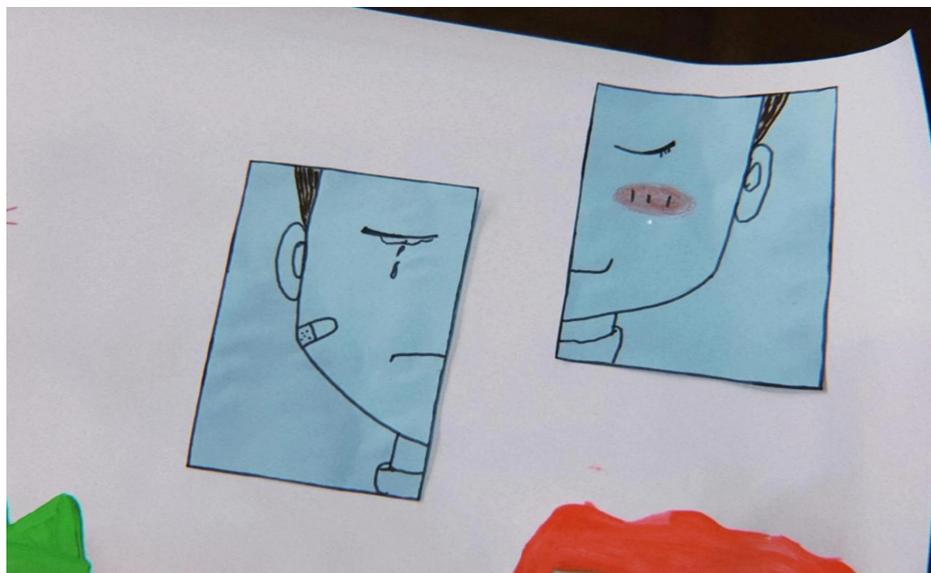
Fonte: Arquivo do Autor, 2023.

Figura 4 - Happy longing



Fonte: Arquivo do Autor, 2023.

Figura 5 - Sad and Love



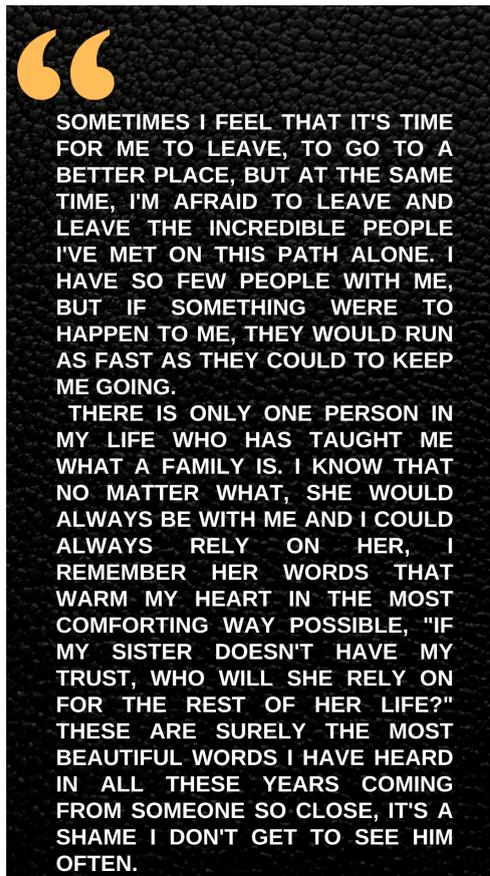
Fonte: Arquivo do Autor, 2023.

Figura 6 - Fear



Fonte: Arquivo do Autor, 2023.

Figura 7 - Feelings - Aluna 2



Fonte: Aluna 2, 2023.

### 4.3 Entrevistas com as alunas

Retomando a ideia de criar uma aproximação com os alunos, as entrevistas foram úteis para eu melhor compreender suas barreiras com o inglês através da trajetória com a língua adicional até chegar no 2º ano do ensino médio. Fiz as entrevistas pessoalmente com quatro alunas e pedi para gravar o áudio das mesmas. O único aluno que participaria da entrevista saiu da escola antes da entrevista ser marcada.

As perguntas feitas aos alunos foram as seguintes:

- 1- Qual foi o primeiro contato que você teve com o inglês? Descreva um momento em que isso aconteceu com filme, com série. A realização de que essa outra língua é o inglês.
- 2 - Qual foi o primeiro contato com o inglês na escola? Pode descrever um momento em sala de aula que você lembre.
- 3- Quais os pontos positivos e ou dificuldades de aprender inglês na escola? Pode dar exemplos disso.
- 4- O que tornaria a aula de inglês na escola atrativa e motivadora para você?
- 5 - Por que você gosta ou não do inglês?

A primeira entrevistada foi a Aluna 1. Ela relatou que o primeiro contato com a língua inglesa foi através de desenhos infantis, alguns desenhos atuais são dublados em português, mas durante os episódios algumas situações são completamente em inglês. Seria uma dinâmica dentro do desenho infantil para aprender algo em inglês. Seu primeiro contato em sala de aula foi apenas no nono ano, já que a escola optou por ter espanhol no ensino fundamental. Um fato que a aluna relatou é que a antiga professora dela trabalhava a mesma música nas aulas de inglês por aproximadamente 4 meses. Segundo ela, a falta de dinâmicas diferentes deixava as aulas “chatas”. Algumas atividades que ela se recorda de fazer com a mesma música eram: preencher as lacunas e tradução.

A Aluna 1 apontou sua dificuldade em relação a aprender inglês na escola: a pronúncia como uma barreira, isto é, o medo de não conseguir pronunciar bem as palavras a impede de participar mais das atividades. Já os pontos positivos de aprender inglês, a aluna relata que nem todo mundo tem dinheiro para cursos de inglês, e que ter aulas de inglês na escola já é um ponto positivo. Para ela, jogos e competições unem mais a turma e, com esse ambiente descontraído, eles perdem o medo de errar.

A segunda entrevista foi com a Aluna 2, que me relatou que o primeiro contato com o inglês foi através de músicas que ela gostava, porém não entendia o significado. Então, no segundo ano do ensino fundamental, ela começou a ter aulas de inglês em uma escola particular. O fato de ela ter o contato tão cedo com o inglês ajudou muito em sua pronúncia. Junto com o ensino de inglês em aula desde muito cedo, fez com que ela adquirisse uma bagagem ampla de vocabulário. Para ela, um ponto positivo de aprender inglês na escola é que ela não se sente pressionada, ao contrário do que acontece em sua casa onde ela relata que há muita pressão para ela aprender mais e fazer cursos de inglês. Porém, é uma língua que ela tem facilidade, mas não é a língua que ela quer estudar fora da sala de aula. Esse assunto, segundo ela, é motivo de discussão constante, que gera crises de ansiedade. Um dos pontos negativos para ela é o período curto das aulas, isto é, alguns professores que não sabem administrar bem esse tempo. Já um ponto positivo, ela relata que é a língua em si, já que não sente dificuldade alguma em aprender.

A terceira entrevista foi com a Aluna 3, que possui uma certa dificuldade na língua adicional. Ela me relatou que sempre gostou dos filmes do Tim Burton, que se arriscou em assistir as obras somente com legendas em português para aperfeiçoar seu “*listening*” (a Aluna 3 faz uso do termo compreensão oral em inglês). Seu primeiro contato com o inglês na escola foi somente no primeiro ano do ensino médio. Sua maior dificuldade é não estar habituada com a língua. Já os pontos positivos para ela são a necessidade de aprender uma língua dita como língua universal e as atividades de tradução, principalmente, quando se trata de tradução de músicas. Para ela, as aulas de inglês precisam de mais atividades com vocabulário e pronúncias, porque ela percebe que tem dificuldades nesses quesitos. Mesmo com todas as dificuldades, ela relata que tem vontade de aprender mais a língua fora da sala de aula.

Por último, a entrevista da quarta aluna, Aluna 4, em que ela relata que teve pouco contato com o inglês, e que após começar a namorar passou a assistir mais conteúdos na língua inglesa para acompanhar a namorada nos filmes que ela gosta de assistir. Apenas no ano passado, ela começou a ter aulas de inglês, já que no seu ensino fundamental a prioridade era o espanhol. Para ela, o ponto positivo é aprender uma língua nova, enquanto o ponto negativo é sua dificuldade em aprender por ser um pouco mais velha que as outras entrevistadas. Ela tem a crença de que pessoas mais novas aprendem com mais facilidade. Além disso, ela sente vergonha de pedir ajuda a todo momento. Segundo ela, por mais que ela tenha dificuldades, ela se empenha e tenta realizar todas as tarefas pedidas por mim na sala de aula. Brincadeiras e atividades em grupos tornam as aulas mais atrativas, segundo a aluna.

Ainda, sente que a turma é desunida e que seria mais fácil realizar as tarefas em grupos para gerar uma troca melhor entre todos.

De modo geral, a maioria das alunas entrevistadas sabem a importância de aprender inglês e querem continuar em contato com a língua. Algumas delas, mesmo tendo aulas de inglês somente no ensino médio, entendem suas barreiras e buscam melhorar a cada aula, destacando sempre a importância de aprender inglês em grupo, seja por trabalhos juntos, brincadeiras ou jogos de competição.

Seguem as barreiras apontadas pelas alunas participantes nas entrevistas:

*Pessoal* - psicológica - problemas pessoais que atrapalham a dedicação aos estudos; não identificação com a língua inglesa;

*Crença* - idade ideal para a aprendizagem;

*Política educacional* - não exigência da frequência em sala de aula; a pouca carga horária; introdução da disciplina do inglês tardiamente.

#### **4.4 Entrevista com a professora-preceptora**

Considerando todas as barreiras de aprender inglês em escola pública, precisamos nos atentar para o fato de que também é difícil ensinar inglês em escola pública. Por isso, nesta seção, trarei uma parte importante deste trabalho que é a entrevista com a professora-preceptora do Programa Residência Pedagógica.

As perguntas feitas para ela foram as seguintes:

- 1- Quais os obstáculos de ensinar inglês no contexto da escola pública de Bagé.
- 2 - Qual o caminho que ensino do inglês em escolas públicas está tomando? Quais as perspectivas como professora você tem?
- 3 - Quais as políticas de ensino da escola e do estado na tua percepção que afetam o ensino de inglês.

Na visão da preceptora, o maior obstáculo dos alunos para a aprendizagem do inglês é a falta de base. Também, ela acredita que os alunos têm uma visão elitizada do inglês. Outro fator que influencia negativamente as aulas de inglês é a pouca carga horária. Segundo a preceptora, não tem como realizar várias atividades em uma hora-aula que hoje em dia conta com 50 minutos por semana, naquela escola. Ela ressalta que as novas disciplinas criadas,

como Projeto de Vida e Iniciação Científica, poderiam conversar diretamente com o inglês. Além disso, ela não conseguiu definir o rumo que o ensino de inglês nas escolas públicas está tomando.

Seguem as barreiras apontadas pela professora-preceptora participante na entrevista:

*Crença* - A visão elitizada que a comunidade escolar tem do inglês;

*Política educacional* - Não exigência da frequência em sala de aula; a pouca carga horária; introdução da disciplina do inglês tardiamente

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obtive êxito na tentativa de elencar as barreiras do ensino-aprendizagem de inglês em uma escola pública através da pesquisa feita com os alunos e com a professora preceptora por meio da proposta da escrita de diários reflexivos sobre o aprendizado de inglês e de atividades voltadas às artes, para que os alunos se expressem com outras formas de linguagem e cominada nas entrevistas. Observei que as barreiras apontadas foram: *crenças* - elitização do inglês e idade ideal de aprendizado; *políticas educacionais* - não exigência de frequência em sala de aula; pouca carga horária; introdução da disciplina do inglês tardiamente; *personais* - não identificação com a língua ocasionando o afastamento do interesse e psicológica (relacionamentos pessoais).

Para as alunas entrevistadas, as barreiras mais evidentes são de cunho *pessoal* e *crenças*, logo que as duas barreiras atrapalham na aprendizagem de inglês, por serem barreiras intrínsecas ao relacionamento dessas alunas com a língua. As barreiras *escolares* também foram citadas já que não é cobrada frequência em sala de aula, o que dificulta as atividades contínuas, junto com a baixa carga horária da aula de inglês, que hoje é de um período por semana com duração de 50 minutos. Para a professora preceptora, as principais barreiras do ensino de inglês ressaltadas são a *crença*, isto é, a visão elitizada que os alunos têm da língua, como se fosse algo inalcançável na vida deles e a *política educacional*, isto é, a pouca carga horária da aula de inglês e a introdução tardia da disciplina de inglês na escola.

Outra barreira que pude perceber ao longo da pesquisa foi a falta de estrutura da escola para levar atividades alternativas, como a internet precária, que prejudica muito na realização de algumas atividades que envolvem vídeos e pesquisas. Quando isso acontece, deixa o professor frustrado por não conseguir realizar as atividades desejadas e causa uma desmotivação nos alunos em entregar as tarefas pedidas. As políticas educacionais para o ensino de línguas em escolas públicas também é uma barreira que precisa ser levada em conta, como a professora preceptora elencou. Vemos anualmente as aulas de inglês serem desvalorizadas com a redução de períodos e com a sobrecarga dos professores de inglês, quando são remanejados para outras disciplinas que não são a sua especialização.

No entanto, é possível superar essas dificuldades por meio de medidas como capacitação de professores, acesso a recursos adequados, utilização da tecnologia e melhores políticas educacionais para o ensino de línguas. Capacitar os professores é crucial para que eles possam transmitir o conhecimento de forma eficaz. Investir em treinamentos e fornecer materiais didáticos atualizados são etapas importantes nesse processo. Além disso, estabelecer

parcerias com instituições e organizações que possam disponibilizar recursos educacionais é essencial para enriquecer o aprendizado dos alunos.

Em resumo, embora as dificuldades e barreiras no ensino-aprendizagem de inglês em escolas públicas sejam reais, ao adotar essas abordagens, fornecer bons materiais didáticos, capacitar professores, utilizar a tecnologia, pode-se proporcionar uma educação de qualidade em inglês, promovendo oportunidades de aprendizagem igualitárias para todos os alunos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. PL nº1676/1999. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e outras providências. Diário da Câmara dos Deputados. Seção 1, Brasília, DF, p. 52060-52063, 1999. Disponível em: <https://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD04NOV1999.pdf#page=106>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- DAVID, Ricardo S. O ensino-aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas: o real e o ideal. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2017, p. 76-84. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/13741>. Acesso em: 12 set. 2023.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa?** São Paulo: Editora Atlas, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 05 dez. 2023.
- HINOJOSA, Fedra Rodrigues; LIMA, Ronaldo. A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira, 2008, p. 1-8. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-hinojosa-traducao-estrategia-interculturalidade.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.
- MARZARI, Gabriela Q.; BADKI, Mariluz R. Ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas de Santa Maria/RS. In: **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, v. 1, 2013, p. 1-21. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21827/21827.PDF>. Acesso em: 09 out. 2023.
- MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: Coleção Mídias Contemporâneas. **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2. Ponta Grossa-PR, Editora UEPG, 2015, p. 15-33. Disponível em: [https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Acesso em: 10 out. 2023.
- LEFFA, Wilson J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. Volume 1. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2011.
- OLIVEIRA, Iramar B. **As influências do estrangeirismo na língua portuguesa no Brasil**. Tese de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa com ênfase em Produção Textual, Faculdade Albert Einstein. Brasília, p. 36. 2009. Disponível em: [https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/26734/Influ%c3%aaancias\\_Estrangeirismos\\_Iramar.pdf](https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/26734/Influ%c3%aaancias_Estrangeirismos_Iramar.pdf). Acesso em: 05 dez. 2023.
- OLIVEIRA, Luciano A. **Aula de inglês: do planejamento à avaliação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, Sebastião L.; SIQUEIRA, Adriano F.; ROMÃO, Estaner C. Aprendizagem Baseada em Projetos no Ensino Médio: estudo comparativo entre métodos de ensino. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 34, n. 67, p.764-785, ago. 2020  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/wySf37fqxQDVHGPdPcCGhHq/?lang=pt>

<https://www.scielo.br/j/bolema/a/wySf37fqxQDVHGPdPcCGhHq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2023.

PONTES, Sandra H. Classroom management: a importância do gerenciamento da sala de aula de língua inglesa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3351>. Acesso em: 17 nov. 2023.

REIS, Ana V. Como o docente pode personalizar a aprendizagem. In: **Revista Ensino Superior**, Jun. 2023. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/2023/06/30/como-o-docente-pode-personalizar-a-aprendizagem/>. Acesso em: 12 out. 2023.

RIBEIRO, Wagner Costa. A quem interessa a globalização. **Revista ADUSP**, n. 2, p. 18-21, 1995. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/02/r02a04.pdf>. Acesso em: 5 dez 2023.

RIBEIRO, Wagner Costa. Globalização na geografia de Milton Santos. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124h.htm>. Acesso em: 05 dez 2023.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea. In: SANTOS, Milton et al. (Orgs.). **O novo mapa do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHMIDT, Márcia. **Proibição ao estrangeirismo é aprovada na comissão**. Agência Câmara de Notícias, 2000. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/849-proibicao-ao-estrangeirismo-e-aprovada-na-comissao/#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20Cultura,%20uso%20de%20express%C3%B5es%20estrangeiras>. Acesso em: 19 nov. 2023.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2023.

## APÊNDICE

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário da pesquisa do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso do discente, **Jackson Leal Padilha**, , intitulado **BARREIRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS**, do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas do Campus Bagé da UNIPAMPA, sob orientação da professora orientadora Kátia Vieira Moraes.

Este estudo tem por objetivo compreender as barreiras para o aprendizado de inglês na escola, elencando alguns fatores culturais, psicológicas, sócio-econômicos e linguísticos, que levam os alunos a não se engajarem com a língua inglesa; propondo a escrita de diários reflexivos sobre o aprendizado de inglês para elucidar esses fatores; propondo atividades voltadas às artes para que os alunos se expressem com outras formas de linguagem; propondo momentos de reflexão oral sobre o aprendizado.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A pesquisa é sobre práticas de sala de aula que motivem os alunos a aprenderem inglês não tendo nenhum prejuízo para os alunos envolvidos. Os benefícios são aulas bem planejadas e a contribuição possível deste trabalho para a docência.

Nesta pesquisa você concorda em participar das atividades em sala de aula. Você autoriza também que o autor do projeto tire fotos e faça gravações das aulas no decorrer do processo.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar público nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa/estudo, assine no final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável.

Qualquer dúvida entrar em contato com o pesquisador responsável através dos e-mails: [jacksonpadilha.aluno@unipampa.edu.br](mailto:jacksonpadilha.aluno@unipampa.edu.br) ou [katiamorais@unipampa.edu.br](mailto:katiamorais@unipampa.edu.br).

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa/estudo, e que concordo em participar.

Bagé, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_